

# Capítulo I.

Deixava para trás uma década da própria vida. Porém, ao longo do trajeto que escolhera para dirigir até Paraty, se perguntava: deixara mesmo? Era, de fato, *da sua vida* que se despedia, disposta a imprimir em seu futuro um novo rumo e alcançar novos objetivos, ainda que perseguindo antigos sonhos?

Sendo honesta, – ou, repetindo as palavras recorrentes de Átila: “sendo bem sincera” – seria necessário reconhecer que aquele quinhão de vida, aqueles anos abortados numa única tarde, *de fato*, não lhe pertenceram. A começar pelo trabalho, construíra um nome *nas sombras*, creditando a outras pessoas o talento da sua escrita. Sim, era para isso que serviam os *Ghost Writers*\*. E por dez anos desempenhara muitíssimo bem o seu papel.

Escrevera para *outros*: artistas, políticos, escritores cansados, famosos destalentados. Como bom fantasma, honrara seus contratos e, a despeito de não receber um só centavo pelos direitos autorais, justiça sendo feita, fora muito bem paga em todas as ocasiões. Mesmo assim, apesar da sua conta bancária ter se tornado polpuda, a verdade é que vivera a vida de outros, escrevera para e por outros, deixando na gaveta o sonho de escrever seus próprios romances. Sob este ponto de vista, a resposta era *não*. Sua vida profissional nunca fora, de fato, sua.

Já a vida amorosa... o que dizer dela? Através dos quilômetros que se desmanchavam à sua frente, concluiu que ela se aproximava de uma peça tragicômica, na qual desempenhara, também, o papel de *sombra*. Ao longo dos

---

\* Todas as palavras e diálogos em língua estrangeira, que aparecem ao longo do romance, estão traduzidas no Glossário, ao final do livro.

últimos três anos, contabilizados um de namoro e dois de noivado, vivera *para e por* Átila, nunca, jamais, por si mesma. Desdobrara-se para receber bem em jantares cansativos; em aparecer glamurosa em baladas noite adentro; em sorrir sempre – mesmo estando amarrotada por dentro –; em planejar minúcias de um casamento mofado de véspera.

*Patético!* O que mais poderia acontecer naquele roteiro de quinta, a não a ser “a crônica de uma morte anunciada”?! Que outra coisa poderia esperar a não ser o comunicado enfadado de que ele *não estava pronto para se comprometer?! E*, pior: extrapolando todas as canalhices possíveis, *menos de vinte e quatro horas depois*, mudar o status de rede social para: “*num relacionamento sério com Laís Fontoura?!*”

Era simplesmente ridículo ter alimentado aquela ilusão cheia de pernas extras, que jamais couberam na forma perfeita dos seus sonhos! A estranheza do seu relacionamento sempre estivera bem à sua frente, com todos os membros escapando para os lados! Não precisava de terapia para saber que aquilo não tinha como dar certo. Átila, sua clínica de cirurgia plástica e seus amigos esnobes, em nada se pareciam com ela, tão carente de silêncio, introspecção e sossego. Além disso, até mais do que a incompatibilidade óbvia de personalidades, havia uma ausência que destoava de forma explícita do mercado de valores, tão caros para seu ex-noivo: ela não tinha *nome*. Nem estampado numa fachada de luxo, numa logomarca brilhante ou, menos ainda, numa matéria de meia página no caderno de “entretenimento” de um grande jornal.

Ela era, apenas, a Maria Laura; quando muito, a “Maria Laura Vilela”, indicada por um contato da Editora por fazer um bom trabalho. E só. Por mais que as pedras de Paraty a recebessem com um mudo abraço de reconhecimento, só o faziam porque se lembravam dos seus pés correndo pela

FLIP\*, entre palestras e conferências, comprando quilos de livros, ouvindo extasiada as estrelas literárias do momento. Não por ter sido, em qualquer daqueles instantes, um dos nomes da festa. Nunca havia sido identificada, entre os milhares de transeuntes que desfilavam pelo centro histórico, como escritora ou como promessa. Se tinha um “nome”, ele sempre pertencera a um fantasma que deslizava por entre os livros.

Demorou um bom tempo para decidir se reinventar. Na verdade, um largo espaço entre a autopiedade e a determinação. Precisou de ajuda e ofereceu resistência. Afinal, para que um corpo saia do lugar, rompa a inércia e se coloque em movimento, é preciso *força*. Era uma das leis de Newton. Salvo engano, a primeira. Mas, como a terceira, a Lei da Ação e Reação, a Lei da Inércia também se aplicava às situações humanas, às infundáveis e intrincadas circunstâncias nas quais as pessoas preferem o repouso e a acomodação do já conhecido. Permanecer em sofrimento, por mais paradoxal que possa ser, é um desses estados.

“*Vai pra Paraty...*” – Lucinda havia sugerido, voz doce e carinhosa, tentando não abrir as feridas da sua alma. Não deu certo. Rebelou-se.

“*Vou fazer o quê em Paraty, Luci?! Me lembrar que até na minha profissão eu não existo, que só sirvo pra carregar marmita pra geral comer, pra enfeitar boneca pra outro brincar?! Passo!*”

Lucinda foi paciente. Acariciou de leve seus cabelos, de forma que o gesto não pareceu invasivo. Mas disse com a serenidade de quem lhe gostava, com a certeza de quem a conhecia:

“*Vai trabalhar. No seu livro. Não no dos outros. Na sua vida. Não na do Átila*”.

---

\* FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty, RJ. Ocorre anualmente, entre o final de julho e o início de agosto.

Recusou. Alegou que estava sem “saco”, sem vontade, sem ideias, sem inspiração. Tudo verdade. Mas Lucinda insistiu:

*“Você sabe que Paraty é mágica! E nessa época do ano, depois da FLIP, não fica ninguém na casa da Tia Rita. Você pode ficar na casa de hóspedes...!”*

Continuou recusando. Não iria sair de casa tão cedo. E, muito menos, de Belo Horizonte. Lucinda, enfim, concordou. Não sem antes deixar o convite em aberto e que, se mudasse de ideia, era só ligar.

Mudou de ideia na manhã seguinte, assim que abriu o Facebook e como viciado em recaída, procurou pelo perfil de Átila. De imediato, uma notificação dava conta de que ele *havia ficado noivo de Laís Fontoura!* E ilustrando o perfil, uma quantidade obscena de fotos do casal provocaram uma avalanche de pedras em seu estômago! A quem quisesse ver, Átila e Laís se mostravam lindos e ricos, fazendo questão de exibir o anel de noivado. Foi assim que engoliu o choro e a autocomiseração. Que telefonou imediatamente para Lucinda, perguntando se a oferta ainda estava de pé.

*“Mas é claro! Vou falar pro Tavinho que você vai ficar na casa de hóspedes. Se ele for pra Paraty e precisar usar a casa principal, nem vai te ver! Vou mandar um motoboy te levar o controle e as chaves. Fique o tempo que quiser.”*